

STEVEN PINKER

A folha em branco da mente

A Tábula Rasa: A Negação Contemporânea da Natureza Humana. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

FILIFE PORTO

Mestre em Ecologia,
doutorando do Programa de Pós-Graduação de Educação em Biociências,
Instituto Oswaldo Cruz/FIOCRUZ

RICARDO WAIZBORT

Pesquisador associado
Programa de Pós-Graduação em História das Ciências da Saúde,
Casa de Oswaldo Cruz/FIOCRUZ

Quando você nasceu, sua mente era como uma folha em branco. Aos poucos, seus pais, irmãos, primos, outros parentes e amigos com que você convive e conviveu e, durante e depois, a escola, o condomínio, o clube, o partido político, a igreja e outras instituições que você frequenta imprimem na argila amorfa da sua mente aquilo que você vai ser. O desenvolvimento de sua personalidade e caráter subjetivos depende totalmente desse processo de modelagem sociocultural. As características ou funções da sua mente nada devem de importante aos genes ou a uma base biológica, pois o que você é depende inteiramente das sociedades de que é parte. Não há *uma* natureza humana. Isso fica claro quando comparamos as mais variadas culturas, no espaço e no tempo. A mente (e a linguagem) de um aborígene australiano é completamente diferente da de um japonês, que é distinta da de um brasileiro, que por sua vez não tem nada a ver com a de um inglês, que não possui semelhanças profundas com a de um sul-africano e assim por diante. Não há nada de comum entre *todas* as culturas, a não ser as necessidades básicas de proteção, alimentação e reprodução. As culturas se caracterizam justamente por suas *diferenças*, assim como os indivíduos, pois não há dois seres absolutamente iguais.

Tábula rasa (Blank slate) de Steven Pinker critica mortalmente cada uma dessas proposições. Elas fariam parte do *modelo-padrão das ciências sociais* que afirma não só a autonomia e independência dos estudos da sociedade, mas também a irrelevância da biologia para compreender e interpretar os anseios e desejos da mente subjetiva. Pinker se preocupa em contrapor essa visão às evidências empíricas e ao desenvolvimento teórico dos últimos 40 anos. Clamando por uma articulação entre as ciências sociais e as psicológicas com as ciências naturais e evolutivas, ele argumenta em favor de uma fundação psicológica da cultura, um campo científico que vem a ser conhecido como psicologia evolucionária. Nesse sentido, Pinker pretende romper com mais de um século de tradição nas humanidades que interpreta os fatos sociais como coisas ou fenômenos não só irreduzíveis à *psiquê* dos sujeitos que a compõem, mas sem nenhuma relação importante com ela. A psicologia evolucionária (doravante PE)

irá se consolidar a partir do início da década de 1990, integrando saberes, normalmente desconsiderados pelo modelo-padrão das ciências sociais, derivados dos mais diversos campos das ciências naturais, tais como a biologia evolutiva, as neurociências, as ciências cognitivas e as próprias contribuições oriundas da antropologia.

Podemos de maneira resumida dizer que a PE é uma filha da sociobiologia dos anos de 1970. Ela interpreta, sob a luz do neodarwinismo, as informações sobre as pressões ambientais a que a linhagem humana esteve submetida ao longo de sua história filogenética; ou seja, os problemas que envolvem sua sobrevivência e reprodução. Em segundo lugar, a PE prevê e testa a existência de programas cognitivos que seriam necessários a todos os seres humanos para superar esses desafios e, por fim, busca uma base neurológica para tais programas. Mais concisamente, a PE busca compreender os comportamentos comuns que se originaram de pressões seletivas que se impuseram às inúmeras gerações de seres humanos que nos antecederam, criando comportamentos típicos de nossa espécie.

O quadro delineado pela PE pode ser mais bem iluminado se considerarmos o estudo dos universais humanos, próprio da antropologia. Os estudos antropológicos transculturais revelam que existem comportamentos que são comuns a todas as diferentes culturas (tais como o amor romântico, o ciúme, o reconhecimento de expressões faciais). A explicação-padrão das ciências sociais afirma que esses comportamentos são construídos a partir da história cultural de cada povo. Seria pouco provável que todos os povos compartilhassem uma mesma história cultural que levaria à formação dos universais humanos. Por outro lado, segundo a PE, esses universais, como são chamados, seriam forjados pela seleção natural atuando ao longo de milhares de gerações de humanos. A etologia comparada revela que alguns desses comportamentos podem ser na realidade uma herança animal que remontaria a nossos ancestrais comuns com outros primatas sociais.

Além da PE, evidências geradas pela genética do comportamento também vêm ao encontro das explicações biológicas para a variação do comportamento entre diferentes seres humanos. A natureza presenteou a espécie humana com um fenômeno raro, porém altamente científico: os gêmeos, em particular os univitelinos. A comparação das características de personalidade entre gêmeos univitelinos (criados separados ou não), gêmeos bivitelinos, irmãos comuns e irmãos adotivos revela que os genes são uma fonte expressiva de explicação para as diferenças (e semelhanças) que ocorrem entre seres humanos.

Steven Pinker é professor de psicologia em Harvard e foi diretor do Centro de Neurociência Cognitiva do MIT. Escreveu outros livros, como *O instinto da linguagem* e *Como a mente funciona*, ambos traduzidos para o Brasil. Ele se especializou em produzir obras baseadas em uma literatura rigorosamente filosófica, sociológica e científica, como se pode verificar em quase 70 páginas de notas e bibliografia de *Tábula rasa*. O livro é, ao nosso ver, uma tentativa bem-sucedida de promover uma aproximação crítica entre as ciências naturais e as ciências sociais. Mas, não se trata de reduzir psicologia e sociologia à biologia, mas compreender que de um ponto de vista estritamente histórico não se pode compreender a mente sem investigar sua origem em um mundo animal.

Tábula rasa já nasce como parte de uma tradição de debate conhecida em inglês pelo nome “nature versus nurture” (natureza versus ambiente ou alimentação ou cultura, não há uma tradução literal em português para *nurture*). Essa expressão foi cunhada por Francis Galton, em 1864, no livro *Hereditary genius*, na tentativa de explicar por que personalidades famosas costumam aparecer nos mesmos grupos familiares. O problema em questão residiria em descobrir se o comportamento humano, mesmo em sociedades politicamente estratificadas como a nossa, é *ou social ou biologicamente determinado*. Se é a natureza, os genes, que determinam o que somos, ou se é a família, as relações sociais, que constroem

sozinhas nossa identidade. Entretanto, pelo menos desde que Charles Darwin, em 1859, conclui *A origem das espécies* e, mais tarde, *The descent of man*, sinalizando a pertinência dos achados da teoria da seleção natural para a compreensão da mente humana e das sociedades, não cessaram as tentativas de psicólogos e outros pensadores em mostrar que a despeito de todas as diferenças *interétnicas* há uma natureza humana comum, no sentido de uma mente geneticamente programada que dispõe os seres humanos a certas ações e reações e não a outras. A recusa em aceitar tal paradigma parece derivar em grande parte da falta de compreensão dos diferentes papéis que os genes representam na construção e manutenção de um ser vivo. Os genes são vistos pela população leiga e por boa parte dos cientistas sociais como uma entidade que *determina* cegamente a ação humana. A lição de Pinker em *Tábula rasa* e de outros autores como Matt Ridley (em um livro publicado sob o título *O que nos faz humanos*) é que nossa plasticidade de comportamentos está inscrita nos genes; em outras palavras, nossa interação com o mundo é mediada pela ação dos genes. Somos programados para ser plásticos; para reagir de modo distinto às diferentes variáveis ambientais.

A mente humana é parte do mundo animal. Nosso comportamento, mesmo hoje em dia, está radicado em um passado no qual várias características que nos parecem imediatas foram modeladas, por assim dizer, por forças seletivas. Andamos de pé, manipulamos objetos com as mãos, temos uma sofisticada visão de profundidade, precisamos de alimentos sólidos não-venenosos, procuramos amigos e parceiros sexuais, falamos naturalmente com outras pessoas da mesma língua, temos uma teoria da mente, entre inúmeras outras ações. Nosso cérebro é construído a partir de informações genéticas contidas nos núcleos das células, e é resultado parcial e aberto de um passado que parece ter favorecido o aumento desse próprio cérebro. Para muitos cientistas, o cérebro é a morada da mente. Ao contrário, para vários adeptos do modelo-padrão das ciências sociais, a mente é, ao nascer, uma folha em branco (o *blank slate*, a tábula rasa do título em inglês do livro de Pinker). A mente seria uma substância imaterial, um fantasma que vaga livre na máquina do corpo. Seria ainda o bom selvagem, talvez o próprio amor e a amizade, que a sociedade corrompe.

O livro de Pinker, antes de tudo, apresenta o modelo-padrão das ciências sociais, de modo que, acreditamos, um cientista social não se sentiria ofendido. Mas, ao nosso ver, há um problema intrigante de pontuação que nos parece ser o responsável para que a integração da biologia à psicologia e esta à sociologia ainda não tenha se concretizado em toda a sua profundidade: trata-se de um impasse conceitual que reside na diferença entre dois significados do conceito de “lei”, que implicam a famosa distinção entre valor e fato.

Por exemplo: é fato que são as mulheres que trazem o futuro no corpo durante nove meses, período de sobra para que pais (machos da espécie humana) não-comprometidos (ou não integralmente comprometidos) possam lançar suas sementes em outros ventres. Durante esse tempo de gestação, e ainda depois durante toda a amamentação (afinal, ainda somos mamíferos), o investimento parental da mãe no filho é desproporcionalmente maior do que, na média, o de um pai, sobretudo se pensamos em um estado selvagem. É uma questão de valor saber o quanto o homem está disposto a se dedicar integralmente à prole. Além disso, os homens, na média, são maiores que as mulheres, e seus interesses com o sexo e a reprodução são ligeira mas sensivelmente diferentes. Isso ocorre também entre muitas outras espécies de mamíferos, como os gorilas, os lobos e elefantes marinhos, e os leões: machos dominantes copulam com o maior número de fêmeas possível e matam filhotes de outros machos, o que estimula a ovulação e a replicação de seus próprios genes infantidas. A poligamia entre humanos é reportada em várias sociedades, mas se desconhecem sistemas sociais humanos em que uma mulher tem muitos maridos. Há outros animais em que isso é diferente. Também a agressão contra as mulheres

é evidente em toda a história. A violência do marido que se sente (justamente ou não) traído e o estupro são fenômenos há muito conhecidos. Os adeptos do modelo-padrão das ciências sociais temem que se tais comportamentos forem considerados como naturais, geneticamente programados, isso os justificaria, e a mulher, perante a lei, deveria continuar vítima dessa brutalidade que macula toda a história. Mas boa parte do problema reside aí: como insiste Pinker, descrever não é prescrever, compreender não é absolver, explicar não é perdoar. Fatos e valores são duas categorias de pensamento distintas, embora se possa falar de valorizar fatos, e tratar valores como fatos (sociais, por exemplo). Assim, quando um cientista diz que as diferenças entre homens e mulheres, do ponto de vista evolutivo, favorecem o estupro, ninguém está concordando com o estupro. Ao contrário, o estupro é uma das maiores fontes de sofrimento humano, e é ao sofrimento humano que um número considerável de páginas do livro de Pinker é dedicado. Para esse autor, boa parte de nosso lado trágico deriva do fato de que vivemos em um mundo repleto de conflitos de interesse, sobretudo com outros indivíduos que compartilhamos a maior parte de nossas vidas.

Assim, Pinker trata de temas politicamente delicados, tais como identidade, gênero, raça, violência e organização social, assuntos que tradicionalmente são objetos das ciências sociais. Ele afirma que não podemos, em nossos esquemas compreensivos e explicativos, prescindir da base biológica sobre a qual esses fenômenos se radicam. Entretanto, mesmo dentro da biologia, muitos autores se colocam contra essa interpretação selecionista de *uma* natureza humana comum a todas as culturas. Stephen Jay Gould, Richard Lewontin, Steven Rose são conhecidos por travarem uma cruzada contra essas interpretações que eles chamariam de pan-adaptacionista do comportamento humano. Infelizmente, não há espaço para tratar desse problema aqui. Pinker o resolve, como outros autores já o fizeram no passado. Gould, Lewontin e Rose estão comprometidos com uma variante do socialismo marxista que vê na existência de uma natureza humana o fim de todo sonho de aperfeiçoamento do homem e da sociedade. Ao contrário dessa interpretação tacanha, o que propõe Pinker e vários outros antropólogos, sociólogos, psicólogos, biólogos, neurocientistas é que a compreensão evolutiva do comportamento humano permite compreender como parte do nosso sofrimento decorre da estrutura mental e física que herdamos biologicamente. Mas, por que essa estrutura é real, de osso e sangue, de elétrons e luz é que podemos mudá-la. É melhor conhecer bem o agente patogênico antes de preparar o remédio que o combata. Se a nossa mente nascesse em branco, seria possível fazer o que bem se quisesse com ela sem nenhuma consideração de ordem moral. Ao contrário, certo instinto moral nos diz que é errado violentar crianças, estuprar, maltratar animais, e não podemos acreditar que isso é meramente construído, do ponto de vista social. Talvez por que nascemos com a expectativa mental de respeito por nossa integridade física e moral, que é faltar com a moral ultrapassar esse limite. Nesse sentido, reconhecer uma natureza humana, reconhecer que somos brutos e amorosos, egoístas e altruístas, cooperativos e competitivos, civilizados e bárbaros, é talvez o primeiro passo para integrar nossas vidas à história social, cultural e biológica. Do nada, nada se cria. Por que tanto medo em considerar que somos todos humanos de fato, com estruturas mentais homólogas às de outros animais, falando línguas diferentes, atualizando narrativas distintas, modelando formas e cores inusitadamente no sentido de dar expressão e argumento à grande aventura de estar vivo, enigma de todas as eras?